

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: AS NARRATIVAS ORAIS DO
DISTRITO DE BARREIRA DO ANDIRÁ**

PARINTINS-AM

2023

ÉRIKA TRINDADE COSTA

**ENGERAMENTO E OUTRAS HISTÓRIAS: AS NARRATIVAS ORAIS DO
DISTRITO DE BARREIRA DO ANDIRÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a forma de Monografia, apresentada como pré-requisito final à obtenção de grau de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Prof^ª. MSC. Dilce Pio Nascimento.

PARINTINS-AM

2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Msc. Dilce Pio Nascimento
Presidente (UEA)

Prof. Msc. Franklin Roosevelt Martins de Castro
Membro (UEA)

Prof. Dr. João Marinho da Rocha
Membro (UEA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu querido avô Wilson Castro Trindade (in memoriam), um dos melhores contadores de história que conheci.

AGRADECIMENTO

À Deus pela vida, e por ter me mantido forte em todos os momentos.

Aos meus pais, que nunca pouparam esforços para ajudar a realizar meus sonhos.

À minha prima Waleska, por ter me ajudado no processo da pesquisa de campo.

À Karoline, pela amizade e ajuda com a correção do trabalho.

Ao professor Basílio Tenório, pelo suporte que à pesquisa.

Aos meus colegas de curso, pelas risadas e memórias que construímos.

À minha querida orientadora, por sempre acreditar no meu trabalho e por me ensinar a ver a vida com o encantamento de uma criança.

RESUMO: Esta pesquisa tem o intuito de discutir acerca da Literatura Oral, mais precisamente a presença e a função sociocultural das narrativas orais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Para isto, optou-se por uma pesquisa de campo para coletar suas manifestações mais naturais, as variadas histórias disseminadas pelos mais velhos no Distrito de Barreira do Andirá, município de Barreirinha/AM, lugar de origem da família da pesquisadora. Foram feitas entrevistas com cinco moradores da comunidade: Maria do Carmo, Paulo Sérgio, Moisés Viana, Antônio Gonçalves e Basílio Tenório. Com base nas narrativas coletadas, dividiu-se os resultados nos seguintes tópicos: O Distrito de Barreira do Andirá; Memória e História: elementos da narrativa; Histórias de Visagem; Histórias Sobre Engeramento; A criação das toadas do Boi Fofinho e Narrativas Oraís: uma ferramenta de resgate identitário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Oralidade. Cultura.

ABSTRACT: This research aims to discuss oral literature, more precisely the presence and sociocultural function of oral narratives in riverside communities in the Amazon. For this, a field research was chosen to collect its most natural manifestations, the varied stories disseminated by the elderly in the district of Barreira do Andirá, municipality of Barreirinha/AM, place of origin of the researcher's Family. Interviews were conducted with five residents of the community: Maria do Carmo, Paulo Sérgio, Moisés Viana, Antônio Gonçalves and Basílio Tenório. Based on the narratives collected, the results were divided into the following topics: The Barrier District of Andirá; Memory and History: elements of the narrative; Visage Stories; Stories About Generation; The creation of the toadas of the Boi-Fofinho and Oral Narratives: a tool of identity rescue.

KEY-WORDS: Literature. Orality. Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
1.1. ORALIDADE E ESCRITA: BREVES DEFINIÇÕES.....	10
1.2. O QUE É LITERATURA ORAL?.....	12
1.3. HISTÓRIA ORAL.....	14
1.4 O NARRADOR ORAL: MEMÓRIA E PERFORMANCE.....	15
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODÓGICOS.....	19
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	22
3.1. O PROCESSO DE COLETA DAS NARRATIVAS.....	22
3.2. O DISTRITO DE BARREIRINHA NO ANDIRÁ.....	23
3.3. A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: ELEMENTOS DA NARRATIVA.....	25
3.4. HISTÓRIAS DE VISAGEM.....	26
3.5. HISTÓRIAS SOBRE ENGERAMENTO.....	31
3.6. A CRIAÇÃO DAS TOADAS DO BOI FOFINHO.....	32
3.7. NARRATIVAS ORAIS: UMA FERRAMENTA DE RESGATE IDENTITÁRIO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado como “Engeramento e outras histórias: As Narrativas Oraís do Distrito de Barreira do Andirá”, apresenta um dos temas que sempre estiveram presentes em minha vida, que é a oralidade.

O primeiro contato que as crianças ribeirinhas têm com a literatura, é por meio das narrativas orais, elas são a base do imaginário caboclo. As memórias literárias que possuo, são formadas pelas lembranças de quando residia no Distrito de Barreira do Andirá. Recordo-me que nos dias em que a energia elétrica faltava, as pessoas costumavam criar rodas de contação de histórias, quase sempre sobre visagens, com o intuito de amedrontar as crianças. Essas narrativas, cheias de detalhes, me faziam imaginar os lugares, as pessoas, e sem perceber, me apresentavam um universo literário vasto.

Em outro momento, conheci os clássicos da literatura infantil, novamente por intermédio da oralidade, ouvindo um programa, que se chamava “A hora alegre da criança”, produzido pelo Sistema Alvorada de Comunicação. Não importava o que estivessem fazendo no momento, as crianças da comunidade iam para as suas casas, ao final da tarde, esperar o programa começar, para escutar histórias como a dos três porquinhos, a bela e a fera, o patinho feio, entre outras.

Já adulta, quando iniciei a minha graduação em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, me deparei com algumas disciplinas que trabalhavam a respeito das narrativas orais, e pude compreendê-las de uma outra perspectiva, agora quanto literatura. Apesar das narrativas estarem sempre presentes em nosso cotidiano, para mim já não possuíam a mesma importância que antes, de maneira que, encontrá-las em sala de aula, me reconectou com as minhas origens, e despertou a vontade de trabalhá-las futuramente, em minha pesquisa de conclusão de curso, e assim surgiu este trabalho.

Meu estudo consiste em discutir acerca da Literatura Oral, mais precisamente a presença e a função sociocultural das narrativas orais nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, especificamente as variadas histórias contadas pelos mais velhos no Distrito de Barreira do Andirá. Os objetivos desta pesquisa são: Coletar as narrativas orais de pessoas mais velhas do Distrito; Identificar elementos importantes em cada narrativa (aspectos sociais, culturais e históricos) e analisar o lugar das narrativas frente aos avanços tecnológicos.

Essas histórias foram contadas por quatro moradores: Antônio Gonçalves, Maria Barbosa, Paulo Sérgio e Moisés Viana. Posteriormente, foi introduzido no trabalho os relatos do Professor Basílio Tenório, de maneira que, ao todo, ficaram cinco narradores.

O trabalho está composto da seguinte forma, o primeiro capítulo está dividido por quatro subtópicos, são eles: Oralidade e escrita: breves definições, que tem como principais teóricos Ong (1998) e Zumthor (1993-2000). Neste tópico, farei breves definição sobre a oralidade e escrita, partindo da ideia que a oralidade é a gênese do discurso, e por isso precisa novamente ocupar o lugar de destaque, e não mais ser rotulada com uma mera representação do mundo letrado. Em seguida, partirei da pergunta sobre o que é Literatura Oral, usarei como principal base teórica, os estudos de Cascudo (2006). Depois, falarei sobre a História oral, essa nova forma de contar a História, que tem o objetivo de dar visibilidade aos grupos sociais marginalizados e, para tal, teremos como obra principal, a de Freitas (2006). Adiante, discorrerei sobre o narrador oral: memória e performance, com base nas discussões trazidas por Zumthor (1993-2000), Bosi (1979) e Benjamim (1987).

O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa monográfica, voltadas para as narrativas orais do Distrito de Barreira do Andirá, para tal, utilizou-se a abordagem qualitativa, com a técnica da pesquisa de campo, por meio de entrevistas não- estruturadas e citações de histórias. No capítulo três, que se refere à apresentação, interpretação e análise dos resultados, os subtópicos estão organizados da seguinte maneira: O Processo de Coleta das Narrativas; O Distrito de Barreira do Andirá; A Memória e História: Elementos da Narrativa; Histórias de Visagem, Histórias sobre engeramento; A criação das todas do Boi Fofinho e Narrativas Oraís: uma ferramenta de resgate identitário.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ORALIDADE E ESCRITA: BREVES DEFINIÇÕES

A comunicação é uma necessidade básica do ser humano, que pode ser feita de diversas maneiras, mas, a oralidade é sem dúvidas a sua forma de expressão mais importante, pois, através dela, conseguimos expressar os nossos desejos e necessidades, que se ampliam no decorrer da vida, a partir do momento que nos entendemos no mundo e interagimos com os outros ao nosso redor.

De acordo com Ong (1998, p.10), “a sociedade humana primeiramente se formou com a ajuda do discurso oral, tornando-se letrada muito mais tarde em sua história, e inicialmente apenas em certos grupos”. Ainda hoje, não há um consenso em relação a como o homem primitivo começou a comunicar-se, mas, os estudiosos partem da ideia de que essa troca de informações, se deu por meio de um processo evolutivo. A criação desses diferentes signos linguísticos possibilitou, muito tempo depois, o surgimento dos primeiros alfabetos, e com isso a necessidade de encontrar maneiras deixá-los registrados.

Com a invenção da escrita, a oralidade, nos moldes como era conhecida anteriormente, foi perdendo espaço, e passou a ser reconhecida como uma representação do mundo letrado, o que fez com que ela demorasse muito tempo para ganhar status de ciência. Foi somente nos anos 60, que surgiram estudos mais expressivos sobre o tema, com intuito de discutir a relação entre cultura oral e escrita, isso partiu da tentativa de colocar novamente a oralidade em uma posição de destaque.

Ao falar sobre a natureza do som, Ong (1998), afirmava que ele exerce um grande poder, pois todo som, especialmente a enunciação oral, vem de dentro dos organismos vivos, por isso é dinâmico. Tal afirmativa, nos faz entender que oralidade tem sua base na sonoridade, mas diferente da escrita, não é puramente verbal, porque quando alguém conta uma história, utiliza a expressão corporal e muitos elementos.

Ainda sobre o tema, o autor explica como isso era trabalhado na antiguidade grega:

No ocidente, entre os antigos gregos, a fascinação apresentou-se na formação da vasta e rigorosamente elaborada arte da retórica, o mais abrangente tema de estudo em toda a cultura ocidental por 2 mil anos. No grego original, a palavra “*techne rhetorike*” arte do discurso, (comumente abreviada como *rhetorike*) referia-se fundamentalmente ao ato de falar, muito embora como “arte” ou ciência refletida, organizada- por exemplo, na Arte retórica de Aristóteles-, a retórica fosse e devesse ser um produto da escrita. (ONG, 1998, p. 18)

A retórica significava basicamente a arte de falar em público, com um instrumento político, também conhecida como oratória, e isso permaneceu por muito tempo como o paradigma central dos discursos. Como afirma Ong (1998), ela foi incorporada ao universo escrito, e assim se organizou quanto princípios, mas essa predominância teve consequências, pois criou-se a ideia de que oral e escritos eram coisas idênticas, pois o oral era o produto da escrita.

Para Ong (1998), o interesse pelo estudo da oralidade, teve como principal influência o pensamento de Saussure, conhecido como “o pai da linguística moderna”, por meio de um estudo iniciado por Milman Parry, (1902), e finalizado por Albert B. Lord, a respeito dos epítetos homéricos, presentes nas obras “Odisséia” e “Ilíada”. Nos estudos de Saussure, ele “[...] chamara a atenção para a primazia do discurso oral, que sustenta toda comunicação verbal, assim como para a tendência predominante, até mesmo entre os estudiosos, a pensar na escrita como forma básica da linguagem” (ONG, 1998, p.13). Isso serviu de base para que o estudioso desenvolvesse seu pensamento, sobre a cultura oral, dividindo-a em categorias.

Essas divisões foram denominadas de: “oralidade primária” e a “oralidade secundária”. A oralidade primária, refere-se às culturas que não foram afetadas pela escrita “[...] designo como “oralidade primária, a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (ONG, 1998, p.19). Nesse tipo de cultura, os indivíduos não possuem o letramento alfabético, tampouco conhecem a imprensa, as suas formas de compreender o mundo são conservadoras e tradicionais, pois a palavra existe no som e se relaciona com o seu modo de vida.

Já a oralidade secundária, surge após a criação da escrita, a chamada era eletrônica. “[...] oralidade secundária da atual cultura da tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão, ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja experiência e funcionamento dependem da escrita e da impressão. (ONG, 1998, p.19). Segundo o autor, a oralidade secundária, reforça as práticas da primeira, mas, vale ressaltar que as discussões traçadas por ele, foram feitas com base nas transformações e invenções de seu tempo.

Em “A letra e a voz” (1993), Zumthor já havia dividido a oralidade em categorias, mas diferente de Ong, elas foram feitas em três, chamadas: *primária e imediata*, que “não comporta nenhum contato com a escritura (ZUMTHOR, 1993, p.18). Ou seja, é característica das sociedades desprovidas de todo o sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos. A segunda, denominada como *oralidade mista*, “quando a influência do escrito permanece externa, parcial e atrasada” (ZUMTHOR, 1993, p.18), na qual, essas

culturas coexistem; e a última, denominada como *oralidade segunda*, que vem a ser característica de uma cultura letrada, e se “recompõe com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso do imaginário” (ZUMTHOR, 1993, p.18).

Observando as discussões trazidas pelos estudiosos, é notório de que partem de um mesmo princípio, a de que a oralidade é a gênese do discurso, pois precede ao mundo letrado. Ao relacionar com o objeto de estudo desta pesquisa, pode-se afirmar ela mais se adequa no que Ong denomina como sociedade mista, que tem forte influência do mundo escrito e das tecnologias.

Ao fazerem a divisão das culturas em antes e depois do surgimento da escrita, os autores evidenciam as mudanças sofridas pela sociedade, por consequência das transformações de seu tempo. Atualmente, essa visão dicotômica trazida principalmente por Ong, já não é tão bem vista entre os estudiosos da oralidade, porque excluiu outras manifestações, dos povos que não estão centrados na escrita alfabética.

1.2 O QUE É LITERATURA ORAL?

A Literatura Oral tem sua gênese a partir da existência dos primeiros povos que habitaram a terra, nesse período, os conhecimentos e experiências cotidianas eram passadas de maneira oral, por gerações. Somente após a transição para o universo letrado, foi possível registrar essas narrativas, oriundas da tradição oral. Como afirma Cosson (2014):

[..] a literatura faz parte das comunidades humanas desde os tempos imemoriais são testemunhos os mitos cosmológicos.[...] Essas múltiplas funções dos mitos e de outros relatos exemplares serviram de base para a literatura em diversas manifestações, gerando uma pletera de gêneros, inicialmente orais, depois escritos, como as gestas, as adivinhas, as lendas, as canções, os ditados, as sagas, as anedotas, as epopeias, as tragédias, as comédias, os contos, os provérbios e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes e depois do mundo- o uso que faz essa palavra se tornar literária. (COSSON, 2014, p.11)

Apesar da importância que oralidade desempenha para o desenvolvimento das sociedades, ela foi relegada a segundo plano. Os seus produtos eram sempre vistos como de menor importância, por estarem ligados ao popular. De acordo com Câmara Cascudo (2006), a oralidade ganhou definição quanto literatura muito tempo depois, no ano de 1881, “criou-a Paul Sébillot, com a sua *littérature Oral de la Haute –Bretagne*. Definiu-a, porém, muito tempo depois” (CASCUDO, 2006, p.21).

Luís da Câmara Cascudo é um importante folclorista brasileiro, seus estudos são de fundamental importância, pois buscam por meio da oralidade, um resgate sociocultural,

trançando panoramas sobre a formação do país. Segundo o qual, “A Literatura Oral Brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual, Indígenas, portugueses e africanos, os quais possuíam cantos, danças, estórias, lembranças [...]” (CASCUDO, 2006, p.27). Desta forma, tem-se uma literatura rica culturalmente, que foi importante para configurar inconsciente coletivo nacional.

O autor afirma que, “canto, dança, mito, fabula, tradição, conto, independem de uma localização no espaço. Vivem numa região, emigram, viajam, presentes e ondulantes na imaginação coletiva” (CASCUDO, 2006, p.52). Desta maneira, entende-se que por serem um produto da memória coletiva, as narrativas modificam-se e se adaptam de acordo como ambiente em que estão inseridas, e com os seus narradores, um exemplo disso, é que mesmo fale um tema comum, ganham características próprias de acordo com a ambientes em que estão.

Estudos como os de Cascudo, trazem discussões importantes sobre a oralidade e o cânone literário. Segundo Moreira (2011), o termo cânone era utilizado originalmente por religiosos, e foi introduzido no campo da literatura; então, passou a ser entendido como uma coleção de obras, reconhecida como “melhores”. A respeito disso, Cosson (2014, p.23), afirma que, “a literatura vai muito além do cânone com sua teoria dos polissistemas, também pode contribuir para uma outra maneira de compreender os modos de existência da literatura”. É necessário compreender que a literatura não pode ser estudada apenas tendo como base as obras clássicas, mas está relacionada com as histórias que não estão registradas de maneira escrita.

Mesmo dentro das universidades há poucas disciplinas voltadas para a literatura oral, o que a distância de ser reconhecida como um objeto científico relevante. Sobre essa problemática, Fernandes e Leite, afirmam que, trata-se de:

[...] uma tentativa de deslegitimar a pesquisa em si, pois não sendo tomado como “cultura escrita”, é indeferido um valor, automaticamente, um valor depreciativo ao texto, e negam-lhe o seu valor poético. Daí decorrem denominações pejorativas, tais como “paraliteratura”, “subliteratura”, literatura de analfabetos dentre outras. Tal perversidade ratifica o mito da supremacia do escrito sobre o oral. (FERNANDES; LEITE, 2007, p.12)

Apesar desse cenário, vem crescendo um movimento que busca, por meio das narrativas orais, fazer um resgate cultural e identitário, principalmente de comunidades tradicionais, como os quilombolas, indígenas, entre outras. Isso ajuda a preservar os costumes e tradição de seu povo, contadas por pessoas pertencentes a esse meio social, e não mais por terceiros.

Cascudo (2006), diz que ao lado da literatura pertencente ao pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solidárias e poderosas da memória e da imaginação popular.

É por meio da oralidade que os indivíduos têm o primeiro contato com a literatura, por isso ela é detentora de vastos conhecimentos que precisam ser melhores explorados.

A questão em debate não é a substituição do cânone, mas que o estudo sobre a literatura se torna mais democrático, dando o reconhecimento aos saberes trazidos pelos povos que ajudaram a construir o país, saberes esses que ajudam a entender a maneira como a sociedade é constituída.

1.3 HISTÓRIA ORAL

A história oral e a literatura oral têm a mesma base fundadora, ambas são frutos da tradição, voltadas para a comunicação humana, e por seu caráter amplo, a história oral pode ser trabalhada de formas distintas, dependendo da área na qual é estudada.

De acordo com Freitas (2006, p.18), “ela é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevistas e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Esse método vem ganhando bastante notoriedade atualmente, pois ajudam a recontar a história oficial, partindo da ideia de que ela é feita por muitas vezes, que foram silenciadas e postas à margem.

O autor diz que “a primeira experiência da História Oral como uma atividade organizada é de 1948, quando o Professor Allan Nevis lançou o The Oral History Project, na Columbia University, em Nova Iorque” (FREITAS, 2006, p. 27-28). Os estudos acerca do tema, tiveram destaque, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, com os avanços tecnológicos e a invenção do gravador, quando foi utilizada para validar as experiências que não estavam registradas em documentos, e quando registradas, estavam de maneira superficial.

Após esse crescente em relação a abordagem história oral, muitos países vêm desenvolvendo pesquisas sobre o tema. Esse movimento tem o intuito de valorizar as fontes orais e combater a historiografia do século XIX. Para isso, busca-se resgatar a sua trajetória, fundada na tradição oral. Isso possibilita o registo das reminiscências dos indivíduos, uma reinterpretação do passado, como uma história alternativa à história oficial.

Em relação aos estudos da história Oral no Brasil, Freitas (2006), afirma que uma das primeiras experiências ocorreu no Museu da Imagem do Som – MIS/SP (1971), que tem se dedicado à preservação da memória cultural país. Entretanto, mesmo com o desenvolvimento de trabalhos importantes e um cenário abundante para estudos, esse tipo de abordagem enfrenta

a estigmatização e preconceito por parte de alguns estudiosos, que alegam a falibilidade de suas fontes.

As discussões estão criando debates entre os grupos de historiadores, com isso, surgindo maneiras de validar as narrativas orais quanto metodologia de pesquisa. Mudanças estão acontecendo, mesmo que de maneira lenta. Prova é que as narrativas dos povos originários e das comunidades tradicionais, que não eram representados e ficavam à margem da história, hoje, são contadas por pessoas pertencentes a esses grupos. Como afirma Freitas (2006):

Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que viveram e participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário. (FREITAS, p.79-80)

Por esse motivo, esta pesquisa buscou trabalhar a história oral como uma maneira de resgatar as narrativas da comunidade de Barreira do Andirá, não se limitando apenas em a categorizá-la como técnica, disciplina ou metodologia, mas preservá-la como sabedoria ancestral, cuja as memórias não são isoladas, mas fazem parte de um coletivo, que é repassado de geração em geração.

1.4. O NARRADOR ORAL: MEMÓRIA E PERFORMANCE

Ao fazer uma pesquisa sobre a oralidade, faz-se necessário discutir a respeito do papel do narrador, da memória e da performance, pois são elementos fundamentais nesse processo. As narrativas são construídas, contadas e recontadas com base nas reminiscências das pessoas, principalmente dos mais velhos. Por esse motivo, esse capítulo traz como principal base teórica os estudos desenvolvidos por Paul Zumthor (1993-2000), Ecléa Bosi (1979) e Benjamim (1987).

Quando se fala sobre narrativas orais, é comum que as pessoas relacionem com suas memórias de infância, e isso, não é por acaso, pois é nessa faixa etária que há o primeiro contato com elas, independente da maneira que isso acontece. Nas comunidades tradicionais, como é o caso das ribeirinhas, os narradores são quase sempre pessoas da família, que tradicionalmente possuem a responsabilidade de educar os mais novos e repassar adiante as tradições de sua comunidade.

No decorrer da vida, quem antes era ouvinte, torna-se narrador, e conta as histórias que viveu, ou as experiências de outras pessoas. Segundo Benjamim (1987), a arte de narrar está

em vias de extinção, porque são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Um dos principais motivos, são os avanços tecnológicos, que mudaram a maneira de se comunicar, e com isso o hábito de contar histórias da maneira tradicional, não é mais visto com frequência.

Essas narrativas são misturas de experiências que passam de geração em geração e acabam sendo introduzidas no imaginário coletivo. As pessoas se identificam aos lugares, personagens e modos de vida, como uma forma de reconhecimento indenítário. Em relação a esse intercâmbio de experiências, pode-se dizer que a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos diversos narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1987, p.198). O que caracteriza a existências das narrativas orais são as vivências do narrador, pois o ato de contar histórias, consiste em uma constante relação entre a nossa percepção do mundo e a percepção dos outros, um intercâmbio de experiências.

Benjamim (1987), classifica os narradores em dois grupos: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”, sendo o primeiro, aquela pessoa a qual não tem experiências para além do seu lugar de origem. Já o segundo, como alguém que viajou diversos lugares e conheceu muitas culturas. Neste trabalho, entende-se que ambos os narradores possuem o mesmo grau de importância, entretanto, o foco da pesquisa está no primeiro, o “narrador sedentário”, os indivíduos que não viajaram por muitos lugares, mas são grandes conhecedores das histórias do seu lugar de origem.

Desta maneira, tem-se como exemplo os moradores do Distrito de Barreira do Andirá, que através de suas reminiscências, resgatem a tradição de seu povo e ajudam a preservar os elementos culturais e indenítários da comunidade. Para Benjamim (1987), a verdadeira narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, pois parte da natureza artesanal, tem suas raízes no povo. Essas narrativas são contadas pelas pessoas mais velhas, conhecedoras das histórias que circulam no local, que as repassam para as outras gerações.

O autor fala que a memória é musa, a mais épica de todas as faculdades, porque somente uma memória abrangente permite à narrativa apropriar-se do curso das coisas. Nesse mesmo sentido, Zilberman (2006), diz que, ela é uma faculdade humana, encarregada de reter os conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um “antes” experimentado pelo indivíduo que armazena em algum lugar do cérebro, recorrendo a ele quando necessário. Sobre o estudo da memória na antiguidade clássica, Freitas, diz que:

Na Antiguidade Clássica, os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemósine. Essa deusa lembra aos homens os heróis e os seus altos feitos e também preside a poesia

lírca. O poeta é, pois, um homem que quando possuído pela memória é transportado por ela ao coração dos acontecimentos antigos, tornando-se, assim, um adivinho do passado. (FREITAS, 2006, p.52)

A memória tinha grande importância na Grécia antiga, pois era uma civilização que dependia da oralidade para a transmissão de seus costumes e tradições. Todavia, eles tinham uma concepção diferente do que era memória, pois significava algo sagrado, privilégio apenas de alguns homens, uma maneira de se conectar com os deuses.

No que diz respeito à memória das pessoas mais velhas, Bosi (1979), diz que “eles são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se preserva e o presente se prepara” (BOSI, 1979, p. 18), não apenas na ideia de lembrar das coisas, mas porque os velhos têm uma memória social vasta e definida, pois presenciam vários acontecimentos no decorrer de sua existência. Essa memória dos velhos é coletiva, primeiro, parte de uma lembrança individual, mas depois se constitui na memória de uma comunidade. Ainda sobre isso, Bosi (1979, p. 22) aponta que “nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis[...]”

A memória dos velhos se constrói entre a história e a ficção, um elo entre o presente e o passado, ela ultrapassa até o sentido da vida desses sujeitos, porque através das histórias de famílias, das narrativas de uma comunidade ou das tradições, conhecemos personagens que já não existem. Quando contam as suas histórias, os mais velhos, sentem-se valorizados, pois percebem que as suas experiências são válidas, e que existem pessoas interessadas em ouvi-los.

Bosi (1979) diz que essa felicidade só é sentida, por consequência da opressão de seus processos de envelhecimento, sejam por intermédio das questões institucionais, psicológicas, técnicas ou científicas, é uma espécie de esvaziamento, que faz essas pessoas buscarem em outra época uma forma de se sentirem úteis novamente.

A respeito da performance, Zumthor (2000, p. 31), discute que ela se situa em um contexto que é ao mesmo tempo cultural e situacional, como uma “emergência”, e quando isso acontece, é porque atingiu sua plenitude. Ele a considera não somente nela mesma, mas em sua qualidade de emancipação do corpo, que sonoramente o representa de forma plena, “[...] gesto e voz, regulados um para o outro, asseguram uma harmonia que nos transcende [...] o elo que liga a voz ao gesto é de ordem funcional, resultando de uma finalidade comum (ZUMTHOR, 1993, p.48). A performance acontece na prática da contação das histórias, uma vez que as narrativas são direcionadas a um público, que interage e ajuda o contador a lembrar dos fatos, e esse processo é feito usando o corpo, as expressões faciais, o ambiente, dentre outros.

Categorizar os elementos das narrativas orais não é uma tarefa fácil, porque diferente do escrito, ela se transforma dependendo do seu contexto, mas, pode-se dizer que, para ser um gênero narrativo, precisa-se de: um narrador, de um enredo, de personagens, de tempo e espaço. Mas, se tratando de oralidade, a sua base está nas reminiscências do passado, em que as histórias são transmitidas usando o corpo, por meio da entonação, dos gestos, olhares, do dito e do que fica subtendido, tudo tem uma simbologia maior.

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica surge a partir de observações e questionamentos a respeito das problemáticas existentes na sociedade, com o intuito de minimizá-las por meio do conhecimento científico. De acordo com Severino (2007, p.102), “o método científico trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações casuais e constantes entre os fenômenos”. Com base nesses conceitos, o presente trabalho traz um estudo voltado para as narrativas do distrito de Barreira do Andirá, trabalhando-as quanto resgate cultural e indentitário.

Esta pesquisa, caracteriza-se como sendo de caráter monográfico, que:

Trata-se, portanto, de um estudo sobre um tema específico, particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto, não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destina. (LAKATOS, MARCONI, 2003, p. 235)

A monografia é um dos trabalhos que pode ser feito para que o acadêmico consiga terminar a sua monografia e ser diplomado, por ser um requisito obrigatório e ter caráter científico, possui uma estrutura própria que precisa ser respeitada pelo pesquisador. De acordo com Fonseca (2010, p. 108), “cada pesquisa tem a sua metodologia e exige técnicas específicas para a obtenção de dados. Escolhido o método, as técnicas a serem utilizadas serão selecionadas de acordo com o problema e os objetos de pesquisa”. Em relação a este trabalho, a construção e estruturação dos processos metodológicos, foram feitos da maneira que mais se adequavam ao desenvolvimento da pesquisa.

Por abordar um tema voltado para as narrativas orais da comunidade de Barreira do Andirá, o objeto da pesquisa foi *in loco*, ele está relacionado com as vivências daquelas pessoas. De maneira que, o método utilizado está voltado para a abordagem qualitativa.

Com a relação ou emprego do método ou abordagem qualitativa esta se difere do quantitativo pelo fato de não empregar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, A diferença está no fato de que o método qualitativo não tem pretensão de enumerar ou medir unidades ou categorias homogêneas (OLIVEIRA, 2002, p. 116)

A preocupação deste trabalho não focou somente na coleta das narrativas, mas em entender a importância do ato de contar histórias, e quais elementos importantes estavam presentes em cada uma delas. A partir do que foi coletado, pôde-se conhecer mais sobre a construção histórico-cultural da região, assim como entender as influências da tecnologia no cotidiano daqueles sujeitos, e como essas narrativas orais estão sendo trabalhadas atualmente.

Por esse motivo técnica de pesquisa usada foi a de campo, como afirma Severino (2007, p.123), “[...] na *pesquisa de campo*, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem interação ou manuseios por parte do pesquisador”. O local onde se desenvolveu a coleta das narrativas, foi o Distrito de Barreira do Andirá, onde reside cerca de 206 famílias, compostas majoritariamente por agricultores e pescadores. Pela proximidade com o município de Parintins, é ele quem mais assiste à população do lugar, de maneira que, é possível chegar na comunidade por meio das embarcações, que saem diariamente de Parintins em direção ao Distrito. Segue abaixo uma imagem com a localização da comunidade.

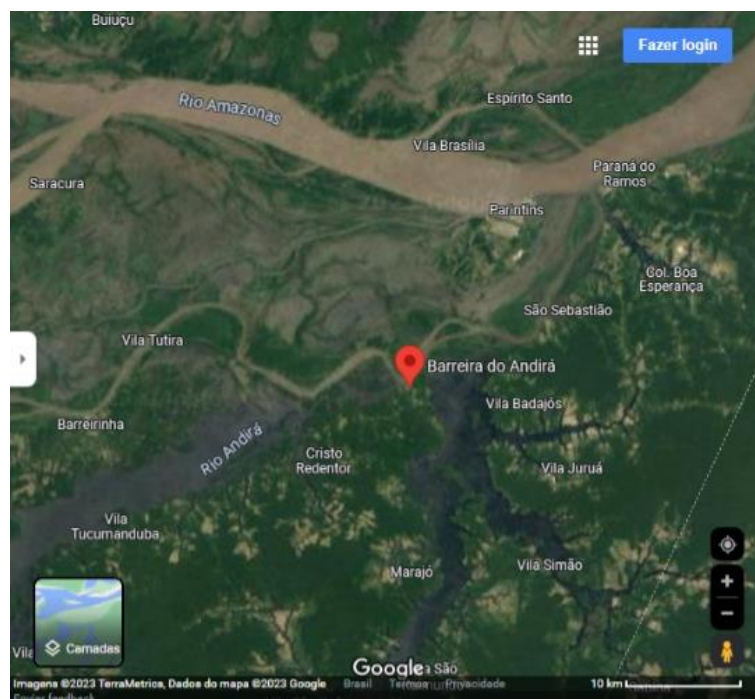


Foto 1: Localização do Distrito de Barreira do Andirá.
(Fonte: Google Maps)

O Distrito está localizado em uma região fronteira entre os municípios de Parintins e Barreirinha, essa área é denominada como Andirá-Mirim, que segundo Silva (2018, p.18)), foi “ocupada originalmente por povos indígenas Sateré-Mawé, e migrantes vindos de outras regiões do Brasil, como nordestinos, formando uma miscigenação, hibridando suas culturas [...]”. Os sujeitos da pesquisa foram quatro moradores do distrito: Antônio Carneiro, Maria do Carmo, Moisés Viana e Paulo Sérgio. O critério para a escolha dessas pessoas, foi feito principalmente pela idade, pois a pesquisadora focou nas “narrativas de velhos”, mas, levou-se também com consideração o fato de pertencerem às famílias que ajudaram a fundar o local.

Após a coleta das narrativas na comunidade, surgiram as histórias contadas pelo professor Basílio Tenório, que não reside no local, mas passou parte de sua vida lá. Ao todo, foram cinco narradores, e essas narrativas estão divididas da seguinte forma: A história e a memória como condutores da narrativa, Histórias de visagem, Histórias de engeramento, A criação das toadas do Boi-fofinho e Narrativas como ferramenta de resgate indenitário.

No que diz respeito às técnicas, a pesquisa foi feita com a utilização das entrevistas abertas, por meio da contação de histórias, com auxílio da história oral que, de acordo com Henriques (2017), investiga os fatos e acontecimentos registrados na memória de pessoas de uma comunidade. De acordo com Lakatos e Marconi, elas são classificadas como:

Despadronizadas ou não-estruturadas. O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação normal. ” (LAKATOS e MARCONI, 2011, p. 197)

As histórias foram narradas em um ambiente mais parecido possível de como acontece no dia a dia daquelas pessoas, de forma livre, por meio de um diálogo não-estruturado. Desse modo, a modalidade que mais se encaixou na pesquisa foi a entrevista não dirigida, nela “[...] há liberdade total por meio do entrevistado, que poderá expressar as suas emoções livremente. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, no entanto, força-lo a responder (LAKATOS; MARKONI, 2003, p.197). A prática de contar histórias, faz parte da identidade das comunidades tradicionais, as narrativas estão ligadas à maneira com que aqueles sujeitos se percebem no mundo, e se não fosse feita dessa maneira, perderia o sentido. O instrumento usado para a coleta das narrativas foi o gravador do celular, muito utilizado em trabalhos com a história oral. Durante as transcrições, os áudios com os relatos dos moradores precisaram ser ouvidos repetidas vezes.

O interesse pela temática da pesquisa e o seu local de desenvolvimento, se deu pelo fato de ser o local onde a pesquisadora residiu até os quinze anos de idade, ambiente no qual criou laços afetivos firmou sua identidade. O distrito de Barreira do Andirá, foi onde aconteceu o seu primeiro contato com a literatura, por meio da oralidade, sem saber o que isso significava para além da sua compreensão de cão de criança.

Com o passar dos anos, essas narrativas foram perdendo espaço em sua vida, mas, ao ingressar no curso de letras, deparou-se novamente com elas, mas a partir de uma outra compreensão. Então, sentiu a necessidade de resgatar as narrativas orais de sua comunidade, mostrando que é uma literatura tão rica e importante quanto as obras clássicas.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.

3.1. O PROCESSO DE COLETA DAS NARRATIVAS

Este tópico, apresenta o roteiro traçado para a coleta das narrativas orais do Distrito de Barreira do Andará. Essas entrevistas, que chamar de “contação de histórias”, foram realizadas no dia 28 de outubro de 2022.

No dia 28, ao final da tarde, tendo em mãos um aparelho celular, uma caneta e uma pequena agenda, com a lista de alguns nomes previamente selecionados, a pesquisadora se dirigiu até a residência de alguns moradores do distrito, na expectativa de que concordassem em lhe contar algumas histórias. A primeira pessoa que se dispôs a ajudar, chama-se Antônio Gonçalves Viana, de 86 anos, atualmente, é aposentado, mas trabalhou a vida toda como agricultor, em sua plantação de guaraná.

No momento em que foi abordado, Seu Antônio estava em frente à varanda de sua casa, sentado em uma cadeira de balanço, vendo a movimentação da rua, e desde o primeiro momento, se mostrou muito satisfeito em poder contar algumas de suas histórias. Foi ele quem motivou a pesquisadora a buscar as narrativas de pessoas mais velhas, pois, é conhecido no distrito por ser um exímio contador, e também por pertencer a uma das famílias mais antigas do local.

Em seguida, ouviu-se os relatos de dona Maria do Carmo, de 79 anos, também aposentada e ex- agricultora, escolhida para ser uma presença feminina na pesquisa. Outra motivação para a escolha, foi o fato de ela morar perto do local conhecido como ‘porto do Bombom’, onde acontece muitas aparições e eventos sobrenaturais. Quando foi abordada, dona Maria estava debruçada sobre a janela de sua casa, por esse motivo, precisou fazer algumas pausas durante a narração, para cumprimentar quem passava na rua.

O terceiro entrevistado, foi o senhor Paulo Sérgio Trindade, de 66 anos, familiar da pesquisadora, que segundo seus relatos, foi jutieiro, garimpeiro e pescador, conhecido pela alcunha de “Paulo Piada”, justamente pelo jeito irreverente de contar histórias. Posteriormente, ouviu-se as histórias de Moisés Viana, de 50 anos, a pessoa mais jovem dentre os entrevistados, ele é músico, compositor de toadas e comerciante.

Por ter vivido grande parte de sua vida no distrito, a pesquisadora já conhecia algumas narrativas que fazem parte do imaginário do local, em vista disso, buscou mediar os relatos,

partindo de temas recorrentes, como: visagens, histórias sobrenaturais, de encantamento ou engeramento, assim como outros acontecimentos ouvidos ou presenciados naquele/sobre aquele lugar. Com isso, no decorrer do processo, outras indagações foram surgindo, sobre coisas relacionadas à origem da comunidade, o processo criativo das toadas do Boi Fofinho e, principalmente, sobre a sua própria origem. Ao final das contações, foi perguntado a eles sua idade e ocupação.

Após a coleta das narrativas, a pesquisadora se ocupou em fazer as transcrições, o que não foi uma tarefa fácil, porque foram gravadas em um ambiente aberto, e estavam cheias de interferências sonoras, isso impossibilitou a utilização de aplicativos e outros dispositivos eletrônicos, tornando esse processo mais lento. Entretanto, precisar ouvir as histórias repetidas vezes, fez com que o trabalho fosse visto de outra maneira, quanto aos seus agentes, e a relação que isso tem com suas vivências. Percebeu-se a necessidade de buscar outros materiais e perspectivas sobre um mesmo assunto. Foi então que a pesquisadora contatou o professor Basílio Tenório, no dia 27 de abril de 2022.

Além de historiador e estudioso sobre a cultura da região, Basílio também é tio-avô da pesquisadora, e viveu parte de sua vida em Barreira do Andirá, fato que contribuiu muito para o desenvolvimento do trabalho. Nos dias 27 e 29 de abril de 2022, ele foi até a sua residência, falou sobre o surgimento do distrito, empolgado, sempre voltava com novos fatos. Através de seus relatos, pôde-se entender melhor sobre a construção histórico-cultural da região, assim como conhecer mais sobre a origem de sua família. Com isso, ele acabou se tornando mais um narrador, trazendo bases históricas ao que foi dito antes, mas, isso de forma alguma invalidou os outros relatos.

3.2 O DISTRITO DE BARREIRA DO ANDIRÁ

O Distrito de Barreira do Andirá, é uma das maiores comunidades do Município de Barreirinha. Como afirma Cruz (2017), ele está localizado em frente ao Rio Paraná Ramos, faz fronteira com o município de Parintins, e integra um grupo de comunidades pertencentes ao Andirá-Mirim. Possui cerca de 206 famílias, como indicam os registros feitos pelo presidente da comunidade, relatado em outro momento, em uma conversa indireta. Abaixo está uma imagem da frente do Distrito.



Foto 2: Frente do Distrito de Barreira do Andirá.
(Arquivo pessoal)

Segundo Antônio Gonçalves (2022)¹, um dos moradores mais antigos:

A fundação da comunidade, foi uma professora de Barreirinha e o marido dela que fundou essa comunidade. A professora eu não sei o nome, mas o marido dela chamava Zé da Silva. É a mulher do Zé. A gente chamava “da silva” pra ele. Eles que vieram fundar essa comunidade aqui. E eu estava no meio, eu estava assim, um rapaz de quinze anos, mas eu já trabalhava. (GONÇALVES, 2022)

Essas informações passadas pelo morador, não estão registradas de maneira documental, entretanto, neste trabalho, não nos preocupamos em apontar uma narrativa verdadeira, mas, mostrar os diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto. Um exemplo disso, é que outras pessoas da comunidade com quem a pesquisadora conversou de forma espontânea, relacionaram a sua fundação e organização, a partir da implantação de uma sede religiosa, no caso, a igreja de Nossa Senhora das Graças. Para o historiador Basílio Tenório (2022):

Barreira do Andirá, que começa com o ajuntamento indígena autóctone (Sateré-Mawé), passa ao logo dessa história pelo crescimento de Vilarejo Barreira de Andirá. Ela foi um ajuntamento indígena, e a prova disso é o sítio arqueológico que existe lá, inclusive, onde mora os teus avós.² [fala para a pesquisadora] .Tem uma terra preta, chamada ‘terra preta de índio’³. [...] Se você já vem de lá da Terra Preta, tinha aquela baixa, e na subida da baixa, tinha um aterro, a chamada ‘terruada da Barreira’, ali existiu uma casa portuguesa, dos antigos Tenório. Nessa época, a Barreira era o misto de comunidade indígena e de imigrantes portugueses, que vieram a partir do século XVI. [...]. As famílias que chegaram, se misturaram aos indígenas que estavam ali, no final do século XVIII, e vão gerar os seus filhos. (TENÓRIO, 2022)

Ao analisar essa evolução sobre a origem da comunidade, é perceptível que houve uma espécie de hibridismo cultural, por consequência do deslocamento desses diferentes povos e culturas para uma mesma região, o que contribuiu para a formação do Distrito. Canclini (1997,

¹ Morador da Comunidade de barreira do Andirá, que concedeu entrevista no dia 28 de outubro de 2022.

² O historiador faz referência ao local chamado Terra Preta, onde fica a casa dos avós da pesquisadora.

³ “São solos que se depositam acima das matrizes de solos originais, são muito escuras e bastante férteis [...]. Atualmente não há dúvidas de que são formações situadas em antigos locais de moradias de povos indígenas. Mais que isso, foram criadas por sociedades complexas, principalmente entre 500 e 2. 500 anos atrás”. (LINS, 2019, s/p)

p.19), conceitua o hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Todos esses elementos foram se transformando, e deram origem à comunidade quanto espaço físico, mas, principalmente, a esse ambiente multicultural. Quando o historiador fala sobre a “Terra Preta de Índio”, dá um exemplo de como esse processo acontece na prática, porque fala de um lugar onde a cultura indígena e a portuguesa coexistiam, se misturaram e construíram uma cultura mista.

Atualmente, as principais atividades culturais existentes na comunidade, são as pastorinhas natalinas e o boi-bumbá, na figura do Boi Fofinho, que se apresenta todos os anos no mês de agosto, com suas toadas e alegorias próprias, que falam narrativas existentes no local. Todas as apresentações são feitas de maneira amadora, com a colaboração dos moradores. Nas apresentações, são mostradas muitas situações do cotidiano daquelas famílias, formadas majoritariamente por agricultores e pescadores, e por trazer elementos característicos da cultura do lugar, fez-se importante citar a figura do Boi neste trabalho.

3.3 A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: ELEMENTOS DA NARRATIVA ORAL

A memória é um dos principais elementos constituintes da narrativa oral, pois guarda os conhecimentos e experiências adquiridas durante a vida. De acordo com Le Goff (2003), são relatos pessoais, vistos como narrativas dos sujeitos, artificies da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desses sujeitos, que acionam a sua capacidade psíquica de memorar, propriedade humana de conservar informações sobre o passado. Ao narrar, as pessoas acionam as suas reminiscências, e esse processo de certa maneira se liga com o campo da história.

É comum que os narradores façam um apanhado histórico, como uma forma de contextualizar seu ouvinte, principalmente quando se trata de pessoas mais velhas. Isso pôde ser observado no momento em que seu Antônio começou a narrar suas histórias:

A primeira história que eu vou contar, é que eu nunca mais vi, foi aqui na colônia dos Japoneses, aqui na boca do Andirá, em Pedras. Eu ainda vi, eu era menino, assim, mas eu vi, uma grande colônia com família de japoneses. Ia pra cá, [faz o movimento com a mão], lá da Santa Luzia, lá pro Uaicurapá. (GONÇALVES, 2022)

No relato acima, ele conta sobre o processo de migração japonesa na Amazônia, que de acordo com Sá (2012, p.02), teve várias fazes, “a segunda, a partir de 1931, em Parintins, com

a chegada dos chamados koutakusei⁴, cuja atuação envolvia não apenas produção agrícola, mas também pesquisas e cuja principal contribuição foi a aclimação da juta no Brasil”. Com isso, outras pessoas, de diferentes partes do país, vieram para a região norte, e ajudaram a desenvolver a economia, a ciência e cultura da região.

Esses acontecimentos presenciados durante a infância de seu Antônio, nortearam o desenvolver das narrativas seguintes, e contribuíram para que a pesquisadora conhecesse mais sobre o momento histórico que ajudou a construir a comunidade e seus arredores. Para Bosi (1979, p.21-22) “[...] a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. Repassada de nostalgia, revolta, ressignificação pelo desfiguramento de paisagens caras...”. Mesmo que o ouvinte nunca tenha ido a esses locais, consegue imaginá-los, pois o narrador deu a ele elementos que afloram a sua imaginação.

3.4 HISTÓRIAS DE VISAGEM

Dos diversos tipos de narrativas existentes, as fantásticas são uma das mais conhecidas, elas ganham características específicas, de acordo com o contexto em que estão inseridas, e nas comunidades ribeirinhas, recebem nomes, como por exemplo, ‘histórias de visagem’⁵. Para Camarani:

A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza, que não se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais. (CAMARANI, 2014, p.07)

Por mais estranhas e improváveis que essas histórias pareçam para ouvinte de fora, nas comunidades ribeirinhas, ninguém ousa desacreditá-las, pois eles aprendem desde muito cedo a respeitar aquilo que ninguém consegue explicar. Em relação a isso Wawzyniak (2003) diz que, na concepção dos ribeirinhos, o lugar que eles habitam, além de possuírem características ecológicas, específicas, são dotados de significados próprios, e tidas como domínios de seres demoúrgicos, considerados seus donos e sua mãe. As pessoas acreditam que a natureza é sagrada, uma figura matriarcal, onde tudo tem mãe, os rios, a floresta, os animais. Como afirma Galvão:

⁴ Koutakusei significa “aluno da Koutou Takushoku Gakkou (Escola Superior de Colonização)”. A palavra “colonização” é amplamente utilizada na tradução da palavra japonesa takushoku, que significa, na verdade, “fazer a terra produzir”, e não tem a acepção de vilipêndio e expropriação que geralmente acompanham a palavra portuguesa. (SÁ, 2011, p. 293)

⁵ Visagem significa “fantasma”.

[...]algumas crenças derivam de tradições européias, conservadas e transmitidas pelos colonos do primeiro dos primórdios do povoamento ou mesmo por imigrantes recentes, outras trazidas pelos escravos africanos e, finalmente, se atribuem ao ancestral ameríndio. Essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo construindo a religião do caboclo. (GALVÃO, 1976, p.66)

Os moradores desses locais possuem tanta fé em suas orações, quanto no banho de ervas e benzimentos para tirar os maus-olhados. Essas diferentes expressões, são frutos da mistura cultural que deu origem ao país, e se relacionam harmonicamente.

Durante a coleta das narrativas na comunidade de Barreira do Andirá, surgiram algumas histórias de visagem, contadas por: Antônio Gonçalves (86), Maria das Graças (79) e Paulo Sérgio (66) e Moisés Viana (50):

Eu vi três tipos de visagem. A primeira vez quando eu vi uma visagem, eu estava jovem ainda, eu tinha dezesseis anos. Eu estava rezando essa reza que chamam de recomendação das almas⁶. Eu estava rezando e avistei uma, e era a formatura⁷ dum homem, mas não era homem não. Sumia assim na minha frente. Era uma hora da madrugada. Essa visagem eu vi. Pior é quando você tem medo, mas eu não podia dormir. (GONÇALVES, 2022)

Nessa narrativa, observa-se que o seu desenvolvimento se deu a partir do sincretismo religioso existente no local, influenciado pela igreja católica. A reza da recomendação das almas, uma prática já extinta na comunidade, consistia em uma oração em forma de canto, direcionada às almas que precisavam de salvação.

No diálogo abaixo, Seu Paulo falou sobre essa mesma prática, e com isso, percebeu-se uma interligação entre histórias, não só pelo tema, mas por ele contar a sua narrativa, tendo como base, os relatos e vivências do narrador anterior. Durante o relato, dona Alice, esposa de seu Paulo, apareceu e nos ajudou.

Dona Alice: Conta a história da reza pra ela, Paulo...a reza de que quem botasse a cara fora...

Paulo: - A estearina⁸ era um osso...o Antônio Carneiro que contou a história ele mesmo, que andavam nas casas rezando, depois ofereciam caveira pra ele.

Pesquisadora: Que roupa eles usavam? Ouvi dizer que eles usavam a roupa toda branca?

- Sim. Tudo branca. Eles usavam roupa tudo branca, toda coberta, pra ninguém saber que era eles que estavam na casa rezando. Quando eles chegavam na casa, eu acho que era uma coisa mandada, não sei...cachorro brabo não latiam em nenhum não. Só faziam rosnar e se quietavam.

Pesquisadora: Mas, eles só iam na casa das pessoas que tinham parente morto?

⁶ Recomendação das almas” é uma expressão ritual religiosa realizada por um pequeno grupo de pessoas chamadas de encomendadores de almas ou, como são chamados na região, “recomendadores”. Estes saem às ruas vestidos de roupas brancas, mantos ou toalhas na cabeça e sinetas nas mãos, com o objetivo de “recomendarem” as “almas do purgatório”.

⁷ A expressão “formatura”, nesse contexto, refere-se às configurações físicas.

⁸ Um dos componentes da vela, mas na situação, trata-se de uma metonímia, em que o narrador nomeia a substância como se fosse o produto.

- Não, qualquer uma casa eles io. Qualquer uma casa eles io fazer aquele ritual deles. Eles rezavam também em canoa. Rezavam n'água. Quando o pessoal morria afogado, eles iam rezar.

Eles começavam bem baixinho, depois io. Não podia brechá as pessoas que rezavam, porque eles davam osso. Davam osso pra pessoa. Seu Antônio Viana, era padre, era primeira voz, segunda voz.... Aquela alma que morria acompanhava ele, a estearina dos morto, era aquele o osso da canela. Quando ficavam brechando quem tava rezando, quando chegavam, diziam assim:

- Pega essa estearina!

Aí agarrava.

- Não conta pra ninguém. Guarda...

Disque, alguém guardava nas malas. Quando de manhã iam vê era um osso. Era osso mesmo de gente. As almas acompanhavam. Eles recomendavam as almas, porque sentiam que aquele era o ritual deles, os antigos. E aí, rezam. Batiam o sino assim:

-Teneneném! Teneneném!

Iam todos de cabeça amarrada. Eram sete elementos. Se sentavam calados na casa dos outros. Batiam o sino e começavam a cantar. Iam devagar, igual guariba. Quando não demorava já estavam cantando bem alto. (TRINDADE, 2022)

Um ponto importante que pôde ser percebido nas narrativas, é presença de muitas vozes, esse jogo é o que torna tudo dinâmico, pois o narrador precisa dos estímulos do seu ouvinte. Seu Paulo descreve detalhadamente como acontecia essa reza para recomendar as almas, as vestimentas, os ritos; e esses relatos mostram como as diversas crenças se misturam com a maneira como esses indivíduos percebem o mundo.

Outro elemento característico desse tipo de narrativa, é o fato das visagens aparecerem como uma forma de aviso ou punição, pelas desobediências das pessoas. Como afirma Wawzyniak (2003), “quem transgrede as normas de convivência com a natureza é punido”, de maneira que, para conviverem em tal ambiente, o indivíduo e o grupo precisam conhecer, ou criar, as regras e os rodeiam.

Ao observar a maneira saudosa como seu Paulo contou suas histórias, a pesquisadora pergunta a ele qual a diferença de antigamente para os dias atuais:

Antes, eu contava história, de um certo tempo, tudo mudou. A gente não fala mais bom-dia pro lado do outro, né? Não se abraça mais pra matar aquela saudade quando a pessoa está longe. Hoje não tem mais isso. Não tem mais menina que brinca de roda, brinca de manja. Não tem mais isso.

Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe. Hoje em dia, os filhos querem sabe o quê?, fazer pai e mãe de empregado. No meu tempo era na lei da porrada, não tinha conzelho que desse jeito. (TRINDADE, 2022)

As tecnologias modificaram a maneira como as pessoas se comunicam, como evidenciado no trecho: “*Depois que inventaram o celular, nem filho toma bença de pai nem de mãe*”. As pessoas vão esquecendo os antigos hábitos, característicos do seu local de pertencimento, com isso, ocorre uma perda cultural muito grande, como o que aconteceu com a reza de recomendação das almas, que foi existia do local por falta de pessoas interessadas em

aprender. E por não está registrado de maneira escrita, os mais velhos quando morrem, levam esse conhecimento consigo.

Outro narrador que contou sobre histórias de visagem foi por Moisés (50), o mais novo dentre as pessoas entrevistadas, seu relato diz respeito a acontecimentos da vida de seu pai:

Essa história é do papai, ele morava no Laguinho⁹ na época. Nessa época, não tinha estrada que vai agora direto, eles tinham que ir pela Terra Preta, pela frente da comunidade, e era feio a estrada. Tinha uma fama aí que aparecia visagem, aparecia uns homens de branco lá, quando passavam pelo toco da sumaumeira. Quando passavam por lá, já ia arrepiando o pessoal, porque lá tinha fama que aparecia visagem. O papai não acreditava muito nisso, mas respeitava. Aí quando foi um dia, ele estava tendo um treino aqui na Barreira, ele veio jogar a bendita bola, e foi embora a partir das seis horas, já estava escuro. Aí quando ele chegou na dita samaumeira, lá estava o cara, de branco, bem branco mesmo, com uma bandeja na mão. O papai olhou assim, e aí ele, foi, né?. Ele disse:

- Eu não vou mexer com ele não.

Ele tinha muita coragem, e foi. Tava na beira da estrada. O papai passou e ainda disse assim:

-Eu só não quero que mexam comigo.

Quando ele chegou bem mesmo de frente da figura lá, não conseguiu mais andar. A perna travou, e ele começou a rezar. Rezou o creio em Deus- pai, Ave-maria, Pai nosso. Rezou, rezou. Aí depois de rezar o creio em Deus pai, parece que soltou a perna dele, aí, ele começou a andar. Mesmo com aquele medo, porque sabia que o cara estava atrás dele, ele andava rápido, andava rápido, só que ele não olhava para trás, porque estava sempre com medo. Aí, tinha uma casa, da mãe de uma senhora, que ficava bem na rua, quase pra chegar no Laguinho. Chegou lá, ele nem foi perguntando, ele bateu em cima da porta, e varou lá pra dentro com a mulher. Ela até se espantou.

- Quem é?

- É o Mário Viana. Vim me esconder de um homem que andava atrás de mim, com uma bandeja, tudo de branco.

Ele ficou um pouco com a mulher lá, depois, de um tempo ela deu uma poronga¹⁰ pra ele, aí ele pegou e foi embora andando. Mesmo assim, ele ia com Deus, né? Até chegou no Laguinho, olhou pro cachorro brabo, e foi nesse dia que ele perdeu o medo de cachorro brabo. Quando os cachorros avançaram em cima dele, ele ficou feliz. E ele ficou assombrado um tempo por causa disso. Nunca mais ele passou por aquele lugar (VIANA, 2022).

Ao comparar com as outras narrativas, percebeu-se que existem dois principais tipos de narradores, pensamento desenvolvido por Benjamim, ao que diz: “o cronista é o narrador da história [...] o historiador é obrigado a explicar de uma outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representa-los como modelos da história do mundo (BENJAMIM, 1987, p.209).

Deste modo, um primeiro que vivencia as experiências na prática, e outro que repassa a história de terceiros. Ambos possuem a mesma importância, pois ajudam a preservar as narrativas e o hábito de contá-las; são os verdadeiros “percussores da historiografia moderna”. Para além, percebe-se que as histórias de visagem, são como uma forma de punição por

⁹ Nome de uma comunidade.

¹⁰ Um tipo de luminária, feita a partir de latas de óleo.

desobedecerem às regras pré-estabelecidas socialmente ou como uma espécie de aviso para respeitá-las.

3.5 HISTÓRIAS SOBRE ENGERAMENTO

Em seu texto “Engerar em bicho”, Wawzyniak (2003), diz que “a categoria “engerar” está associada a transformações do corpo, “para as pessoas, os encantados possuem a capacidade de se transformarem em seres de outras espécies e em determinadas criaturas, lançarem o seu olhar sobre os homens, encandeando-os ou adoecendo-os”.

Na narrativa abaixo, as pessoas transformaram-se em Matim e Porco, no decorrer da história, aparecem muitas das características citadas pelo autor. Essas histórias de engerramento foram contadas por dona Maria do Carmo, a única narradora deste trabalho.

Vocês conheceram a mulher dos Tavares? [Perguntou à pesquisadora]. Como é mesmo nome dela? [Tentou lembrar de quem se tratava]. A Júlia. A Julinha. Ela parava sempre aqui pela Barreira com as parentage dela. Ela se engerrava 11 de aves. Porque a tia Maria do Carmo não está aqui, se não ela ia contar...

A mãe da Dona Júlia estava muito mal, nós fomo embora todos nós lá de casa. Só ficou os homens. Fomo embora... chegamo lá, ela estava na rede.

- Nós viemos lhe ver. Trouxe um açúcar para senhora.

- Tá bom.

Ficamos lá... Quando foi umas seis horas, eu disse:

- Olha, vamo embora que daqui pra casa é longe, e nós vamos por terra. Quando chegou no meio da viagem, eu disse:

- Maria do Carmo [filha de dona Maria], quando for daqui a pouco a comadre Julia vai cantar lá na porta lá de casa.

- Será, mãe?

- Vai sim. Porque ela não tem medo. Quando nós temo jantando, ela já está cantando lá embaixo do biribázeiro.

Ela se engerrava pra Matim. Matim¹²!

Quando terminamo de jantar e fomo se deitar...ela [filha de dona Maria] tava conversando do lado do finado Joia [apelido do genro de dona Maria]. Nem demorou, mana, ela cantou três vez. Ela [filha de dona Maria] deu um pique e correu. Eu só entendi assim:

- Mamãezinha, a senhora bem que me disse que ela ia cantar perto da porta onde eu durmo! E olha, ela se atracou com o finado Joia. Isso era toda noite.

Tinha dias que a gente estava jantando, ela vinha di fora e cantava perto do biribazeiro, e ela assoviava. Aí ela ia imbora, assoviar lá perto da casa da comadre Júlia. Daí ela ia embora assoviar lá na casa da comadre Creuza.

O marido dela ia pescar, e ela ia embora assoviar bem na beira do casco dele. Já era senvergonhamente.

A finada Maninha também, dalí do Laguinho. Não sei se vocês conheceram a finada Maninha, mãe da Júlia, que é mãe do Manel. Ela também se engerrava. Uma viagem, ela espantou o Tiozinho. Ele estava pescando, porongando. Quando ele deu, amodo que assoviou no canto do casco dele. Ele agarrou, desconjurou ela, e quando ele escutou, ela já estava assobiando lá pra banda do Bodó. Isso tinha e tem. Tem gente que se engera pra pássaro, pra porco...

¹¹ Engerar significa transformar-se em algo.

¹² No caso em específico o Matim é um pássaro.

A finada Maria Odete se engerava pra porco. Até que ela foi comer macaxeira do companheiro dela, lá no Zé Açú. Ele passou o tiro na perna dela e ela se desengerou. Aí ele se espantou, ficou espantado e gritou. Carregaram ela, e aí levaram pra Parintins. Ainda bem que foi na perna, mana. Se fosse no bucho dela, tinha morrido. Aí que ele foi saber. (CARMO, 2022)

Foi possível perceber que nas narrativas contadas por dona Maria, diferente de outras histórias de engeramento, as pessoas que se transformavam eram da comunidade ou comunidades vizinhas, não necessariamente serem míticos. Não se transformaram por consequência de algum castigo ou contravenção das normas sociais, mas porque isso fazia parte de sua natureza.

Outro elemento que chama a atenção é a utilização de vários personagens, moradores antigos da comunidade, dos quais a pesquisadora não tem conhecimento. São as várias pessoas do discurso, que vão conectando as histórias, como um fio condutor de memórias coletivas. Dona Maria consegue sequenciar as histórias fazendo com que elas se completem.

Ao ler sobre essas mulheres que se engeravam, veio em mente um episódio do livro *Macunaíma*, no qual Mario de Andrade fala sobre um acontecimento parecido, que ocorreu com a mãe do personagem.

[...] chegou perto da viada olhou que mais olhou e deu um grito, desmaiando, tinha sido uma peça do Anhangá. Não era viada não, era mas a própria mãe Tapanhumas, que Macunaíma flexara e estava ali morta, toda arrranada com os espinhos das titaras e mandacarus do Mato. (ANDRADE, 2010, p.30)

Pela obra se tratar de uma rapsódia, ou seja, ser construída a partir de várias narrativas orais, se assemelha ao que foi contado pela moradora. Nela, é possível encontrar representações do folclore indígena e expressões da região amazônica. Outro ponto em comum, é o fato do engeramento - apesar do autor não utilizar esse termo - significa algo negativo, um castigo.

3.6 A CRIAÇÃO DAS TOADAS DO BOI FOFINHO

No desenvolver da pesquisa, descobriu-se que o distrito de Barreira do Andirá possui uma cultura de boi-bumbá antiga, influenciada pela criação os bois no município de Parintins e Barreirinha. Após muito tempo, essa cultura foi resgatada pelo morador Mário Viana, e são aproximadamente 13 anos da existência do Boi-fofinho. Abaixo a imagem da apresentação do Boi no ano de 2022:



Foto 3: Apresentação do Boi- Fofinho

(Arquivo: Socorro Rodrigues)

Um dos moradores entrevistados e filho do fundador do boi, participa ativamente das atividades desde a sua criação, o que motivou a pesquisadora a saber mais sobre o processo criativo das toadas.

Pesquisadora: Quando vocês fazem essas toadas, qual é o critério de seleção? Vocês reúnem umas pessoas e começam a contar histórias, ou é da lembrança?

- Na verdade é da lembrança. Nós sabemos muitas histórias que os antigos contavam pra gente. A gente não tem muito compositor de música, são mais ou menos uns três, quatro. Então, quando a gente vai fazer uma toada pro Boi-fofinho, pra apresentar pro próximo ano, a gente já entra com o Marcinei[irmão do entrevistado]: - Qual história a gente vai pegar esse ano para fazer o ritual?

A gente pega: - bora fazer a história da baixa do ‘Bombom Miri’¹³, né?!

Esse ano aqui, vai ser lá da história do pedral¹⁴. Vai ser lá do balaio, que aparecia a cobra - grande que assustava o pessoal.

As toadas falam sobre o cotidiano daquelas pessoas, os mitos, lendas e lugares encantados. A festa não possui grande estrutura, é pensada e executada por quem mora no local. Nos últimos anos, o planejamento da “noite cultural”, como é chamada, fica sob a responsabilidade da equipe que trabalha na Escola Municipal Nossa Senhora das Graças.

Percebe-se assim que, a partir da criação da toadas, há o registro das narrativas orais da comunidade. Já foram feitos alguns CDs, e isso mostra como a oralidade pode se aliar os avanços tecnológicos para que não desapareça, afim de que possa ser amenizada a carência por um contato humano direto. Apesar da prática antiga da oralidade não ser vista com frequência,

¹³ Nome de um porto, onde relatam acontecimentos sobrenaturais.

¹⁴ Uma praia que nasce em frente à comunidade.

esforços como os dos moradores da comunidade, fazem/farão com que as novas gerações conheçam a cultura do lugar.

3.7 NARRATIVAS ORAIS: UMA FERRAMENTA DE RESGATE IDENTITÁRIO

As comunidades tradicionais têm uma forte ligação ao núcleo familiar, por serem fundamentais para a manutenção dos saberes e tradições. É no ambiente familiar que as pessoas constroem as suas primeiras memórias, e tem um dos exemplos do viver em sociedade.

É por meio das pessoas que a cercam, que a criança conhece mais sobre a cultura, crenças e tradições do lugar origem, por isso, entender as suas origens é tão importante. A pesquisadora foi criada em uma comunidade ribeirinha, chamada de Barreira do Andirá; na referida localidade, vive parte de sua família, que tem por sobrenome “Trindade”, que migraram do Pará e firmaram moradia em um lugar afastado da comunidade chamado Terra Preta.

De acordo com os relatos que a pesquisadora ouviu durante a infância, seus familiares chegaram à Barreira do Andirá, em meados de 1930, de uma região chamada Curumcuri, em Juruti. Dentre as pessoas que migraram, estavam: Francisco Trindade¹⁵, sua irmã, chamada “Velha Tapuia”¹⁶, Geraldo Trindade, Antônio Trindade, Francisco, entre outros. O que motivou a migração foi a busca por melhores condições de vida, pois tinham a promessa de conseguirem trabalhar com os japoneses, na construção da “Colônia Modelo Andirá”. Em relação a isso, Nonato (2019), diz que:

A imigração japonesa na Amazônia surgiu como uma esperança para a recuperação da economia na região. Essa esperança estava deposita em um acordo entre o governo brasileiro e os japoneses para o desenvolvimento de um projeto agrícola derivado de um produto de fácil cultivo e forte demanda. (CLARINDO, 2019, p. 268)

O processo migratório dos japoneses para Amazônia, já havia sido relatado por seu Antônio logo no início das narrativas, de maneira que, pode-se perceber que tais acontecimentos causaram um grande impacto na vida das pessoas que residiam na região, porque além de simbolizarem novas oportunidades de trabalho, também representavam a inserção de uma nova cultura, muito diferente de tudo que eles conheciam.

¹⁵ Bisavô da pesquisadora.

¹⁶ Não se tem conhecimento de seu nome.

Ao conversar com o professor Basílio a respeito dessas lembranças familiares, ele contou que o avô da pesquisadora, Francisco Trindade, se casou com Adalgisa Castro, filha de Idemila Viana, mulher conhecida pela função de “matadora de onça”:

Eles vieram do Nordeste, ela e o pai dela. Ele chamava-se, José Npubuceno de Castro. Chegou aqui, quando ele desembarcou do navio, segundo consta, o finado Cláudio Brandão foi lá receber uma partida de gado que vinha no navio, e aí perguntaram para ele:

- Já conseguiu montar a fazenda?

-Não.

-Rapaz, mas por quê?

- Lá tem muita onça. É só botar o gado que a onça come.

Aí o Npubuceno, que estava doido para trabalhar, disse:

- Se o senhor me contratar como vaqueiro, onça não vai mais comer o seu gado não.

- Você está falando sério?

-Tô.

- Então já está contratado!

Aí veio ele e sua filhinha, uma garotinha nova, loirinha. Era a Idemila Castro. E aí ele foi trabalhar com o Cláudio Brandão do outro lado do Amazonas. Ficou um tempo para lá. Depois, ele veio trabalhar com o Janco Brandão, aí em frente à Barreira. Atravessou o rio e colocou uma casa lá perto, onde é a Vila Manaus, lá era a casa dele. Tinha um outro nordestino aqui que eles não se davam bem, que era o Leucádio. O velho Leucádio, Manoel da Silva Laucádio, morava no Aninga, e deu o nome da propriedade dele de “Canta Galo”, que não é exatamente lá onde é o Canta Galo, mas pra cá um pouquinho, aquela baixada ali era o Canta Galo. E o velho Cazuza, só para desafiar, deu o nome da propriedade dele lá do Ramos de “Canta Galinha”. E apelidaram ele de Cazuza Galinha.

Qual era a função do Cazuza Galinha?! E ele era matador de onça. Segundo consta, ele não matava onça de tiro, matava onça de faca, para não espantar as outras. A dona Deca (Idemila), cresceu acompanhando o pai, porque era única filha. Aprendeu a caçar onça, era matadora de onça. (TENÓRIO, 2022)

Essas histórias não eram de conhecimento da pesquisadora, e após conhecer mais sobre a origem de sua família, ela pôde perceber o quanto essa mistura cultural influenciou em sua vida, no modo de agir e se entender no mundo. Seus antepassados são uma mistura de indígenas, portugueses e nordestinos, e isso só descoberto no decorrer da pesquisa, por meio contação de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas orais são um componente marcante da cultura amazônica. Contar uma história não se trata apenas de relatar ou inventar um enredo, viu-se a partir de tudo aqui apresentado, que a literatura oral, mesmo com todos os empecilhos de natureza elitista, está longe de ser inferior. Narrar, sobretudo, é resistência. É a resistência cultural milenar de tradições, de memórias, de vivência.

Estar diante da própria história encarnada em pessoas, em lembranças, é resgatar toda marca de um povo, o que desencadeia no descobrimento de si mesmo. Ao iniciar este estudo, levei em consideração meu laço afetivo com as histórias em que havia me envolvido quando criança na minha comunidade de origem, entretanto jamais poderia imaginar tamanha conexão.

Em um mundo globalizado, onde todos querem seu lugar de fala, parece que o ouvi ainda é importante, e deve ser considerado como tal. A sabedoria do amazônida não necessita estar entre as plataformas digitais mais populares para mensurar sua relevância para a humanidade; nem o próprio contador precisa ter milhões de seguidores em suas redes sociais para defini-lo como grande historiador.

Todavia, universo digital também não se pode ser apenas tido como uma ferramenta de neocolonialismo, em que esse processo de hibridização significa apagamento dos hábitos, valores e modelos de antes davam sentido de identidade a um grupo, mas sim ser vista como a possibilidade de dialogar com o novo, tendo como base a tradição. Em uma realidade onde todos alcançam a informação em segundos, contar e ouvi histórias é aba infinita de um longo processo histórico que construiu toda a humanidade moderna atual.

No decorrer da pesquisa, aprendi a valorizar as narrativas do lugar onde cresci, além de olhar as pessoas mais velhas da comunidade como uma fonte inesgotável de conhecimento. Por meio das narrativas, descobri sobre a origem de minha família, e entendi que o que realmente me motivou a abordar tal temática, foi a necessidade de me conectar com as coisas que ajudaram a me construir quanto pessoa, pois é nesse ambiente que me reconheço e me sinto plenamente feliz.

Os objetivos traçados inicialmente neste trabalho foram alcançados com êxito. Fez-se a coleta das narrativas das pessoas mais velhas da comunidade, e com isso, foi possível identificar vários aspectos socioculturais presentes naquele Distrito. Por meio dos relatos, soube-se mais sobre momentos históricos da construção do lugar, as suas manifestações folclóricas e religiosas, e como isso influencia no modo de vida e percepção dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Editora Agir: Rio de Janeiro, 2010.
- BENJAMIN, Walter: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história na cultura**. Editora Brasiliense, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. São Paulo: Tao Editora, 1979.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CLARINDO, Raimundo Nonato Lisboa. **Fomos traídos e traímos: Migração de cametaenses para Tomé-Açu -1950/1970**. XVI Encontro Estadual de História ANPUH- RS. História Agora: Ensinar, Pesquisar, Protagonizar. Rio Grande do Sul, 2022.
- COSSON, R. **Círculos de Literatura e Letramento Literário**. São Paulo: contexto, 2014.
- CRUZ, Emanuel Tavares da. **O fenômeno das terras caídas: uma mudança natural na paisagem e suas implicações na comunidade de Barreira do Andirá no município de Barreirinha-AM**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2017.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia Científica no Alcance de todos**. 4 ed. Manaus: Valer, 2010.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral, possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanas, 2006.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. São Paulo/Brasília: Ed. Nacional/INL, 1979.
- HENRIQUES, Antônio; MEDEIROS, João Bosco. **Metodologia científica na pesquisa jurídica**. São Paulo: Atlas, 2017.
- LAKATOS; E. Maria, MARCONI, M.de A. **A metodologia do trabalho científico**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAKATOS; E. Maria, MARCONI, M.de A. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LE GOFF, Jáques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEITE, E. F.; FERNANDES, F. (Orgs). **Oralidade e literatura: outras veredas da voz**. 3d. Londrina: EUEL, 2007.

LINS, Juliana. **Terra preta de índio: uma lição dos povos pré-colombianos da Amazônia. ASPTA: agricultura familiar e agroecologia.** 19 de setembro de 2019. Disponível em: < [ASPTATerra preta de índio: uma lição dos povos pré-colombianos da Amazônia - AS-PTA \(aspta.org.br\)](http://ASPTA.org.br)>. Acesso: 27 de março de 2023.

MOREIRA, F. M. **O cânone literário brasileiro: preconceito e eugenia em em o presidente negro, de Monteiro Lobato.** 2011. 14f. Dissertação (Mestrado em Letras), Frederico Westphalen, RS, Brasil, 2011.

OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Metodologia científica.** 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

ONG, W.J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Trad. de Enid Abreu Dobránszy. Campinas: Papirus, 1998.

RODRIGUES, Sílvia Naiana Rodrigues da. **Culturas em ação: notas sobre hibridização ou hibridização dos produtos midiáticos na televisão.** Rio de Janeiro: Siberlegenda, [s/d].

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. **Presença Japonesa no Município de Parintins-Am.** In: XXII Encontro e professores universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Curitiba, 2012.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Naiana Rodrigues da. **Culturas em ação: notas sobre hibridização ou hibridização ou hibridização dos produtos midiáticos na televisão brasileira.** Ciberlegenda: Revista eletrônica do programa de pós-graduação em comunicação, [s/l], 2010. Disponível em: < [Culturas em ação: Notas sobre a hibridização ou hibridização dos produtos midiáticos na televisão brasileira | C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual \(uff.br\)](http://Culturasemacao.org.br)>. Acesso: 28 de março de 2023. Acesso: 28 de março de 2023.

SILVA, Ronaldo Adriano Ferreira da. **Santos em Comissão: As festas religiosas no Andirá-Mirim.** 2018. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2018.

WAWZYNIAK, João Valentin. **"Engerar": uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo.** Revista: Ilha. [s/l], 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, setembro, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval.** Trad. Jerusa Pires Pereira e Amálio Pinheiro. Companhia das Letras: São Paulo, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: EDUC, 2000.

Entrevistados:

CARMO, Maria do **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am. Entrevista concedida para esta pesquisa.

TRINDADE, Paulo Sérgio dos Santos. **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA, Moisés. **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

VIANA. Antônio Gonçalves. **Entrevista.** [26/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Barreira do Andirá, Barreirinha- Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

TENÓRIO, Basílio **Entrevista.** [27-29/10/2022]. Entrevistadora: Érika Trindade Costa. Parintins-Am, entrevista concedida para esta pesquisa.

ANEXOS

Narradores



Foto 1: Antônio Gonçalves
(Arquivo pessoal)



Foto 2: Paulo Sérgio
(Arquivo Pessoal)



Foto 3: Maria Castro Barbosa
(Arquivo pessoal)

Local chamado de “Terra Preta”



Foto 4: Casa da avó da pesquisadora
(Arquivo pessoal)

Apresentação do Boi Fofinho



Foto 5: Apresentação da figura típica regional
(Arquivo: Socorro Rodrigues)